

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura apresentam

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

RIO DE JANEIRO :: 2021 :: 4ª EDIÇÃO



O Museu de Arte do Rio é um espaço plural e de múltiplos encontros. Entre esses encontros está o do museu e o seu entorno. A relação desse equipamento cultural com seus vizinhos é uma construção que vem da concepção do próprio museu e a região portuária, a praça Mauá, as comunidades do entorno e a história dessa parte da cidade. Entre as atividades desenvolvidas junto aos vizinhos, está o Jornal. Um espaço para a informação comunitária, as múltiplas vozes dos nossos tão próximos vizinhos se encontram para mostrar e retratar o lugar onde vivem, produzem, criam, fazem

pulsar a economia criativa e produtiva local. É desta vizinhança que esses vizinhos falam e sobre ela também que eles narram.

Há assuntos, pautas e personagens dos mais plurais, e que no dia a dia interagem ocupando e frequentando os mesmos lugares.

O **Jornal dos Vizinhos**, que em 2022 está na sua quarta edição, é uma ferramenta de comunicação comunitária criada pelos próprios moradores da Região Portuária, que escrevem as reportagens e contam as suas próprias histórias através da arte que produzem, dos negócios que tocam, das ações e projetos que realizam. Não à

toa, são eles que transformam e fazem da região portuária, conhecida como Pequena África, um local que pulsa e vibra em torno da cultura e sua história de luta e vitórias.

É nesta relação com o entorno que o MAR segue planejando e realizando suas atividades educativas ou expositivas, além dos eventos que também fazemos aqui. Seguimos de portas abertas para ampliar em 2022 essa relação entre o MAR e os seus vizinhos. Te convidamos para desfrutar dessa leitura!

Raphael Callou
Diretor e Chefe da
Representação da OEI Brasil

É com imensa satisfação que a quarta edição do O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona, feita por muitas mãos, agora está nas suas. Então, segure o teu jornal e mergulhe em escritas e experiências, generosamente, compartilhadas pelos Vizinhos do MAR! Nossa alegria se dá por testemunhar o resultado de um trabalho que movimentou (e ainda movimenta) a relação do MAR com a região e seus moradores, que se solidifica desde 2012 com trocas de experiências e afetos. Trata-se do empenho da equipe da Escola do Olhar em criar diálogos com o entorno, colhendo, a partir do encontro Vizinhos/MAR, novas possibilidades de conhecer e valorizar a região. Por isso, muitos trabalhos da Escola do Olhar, inclusive este jornal, não seriam possíveis sem o apoio de quem, e para quem, trocamos conversas, desejos e projetos: os moradores da região portuária.

No dia 10 de junho, realizamos o **Café com Vizinhos**. Havia muito o que ser compartilhado nesse encontro: a abstinência da rua, dos encontros, das folias... Era uma

pauta, mas o que dominou o encontro foram os relatos dos impactos da pandemia no cotidiano dos moradores e da região e, sobretudo, a perda da renda.

Com isso, os vizinhos decidiram que a edição, que está em suas mãos, devia servir de meio para visibilizar e oportunizar os artistas e os trabalhadores da região. O ensaio de uma cartografia, nesse sentido, se tornou uma estratégia para esse fim. Trata-se de uma experimentação cartográfica que os vizinhos iniciaram a partir de um levantamento de 26 pessoas para expor, neste jornal, trabalhos e talentos que traduzem a resiliência local, diante das consequências da pandemia. Aqui, você conhecerá, portanto, trajetórias que criaram meios de sobreviver à revelia das dificuldades.

Apresentada esta edição: uma cartografia sensível do local, feita por seus moradores e agentes culturais. Agora, vire a página e conheça histórias de vida que nos inspiram!

Yago Feitosa
Educador de projetos da Escola do Olhar

Poema

Museu de Arte do Rio

Arleni Batista

Arleni Batista é nascida e criada no bairro do Santo Cristo. É também Jornalista, Locutora, Escritora, Radialista e Diretora – Presidente do Programa “Encontro Mercado Com a Cultura”.

M ovimento...Indivíduos...Beleza local.

U m protótipo único: Cultura, Arte, Cunho Social!

S omados a relatos dos primórdios do País.

E scravos negros, Porto, Samba, Futuro! BRASIS!

U rge mudança. Povo escravizado, sofrido, maltratado...

D esenho, música, pintura, poesia.

E ncontros diversificados e a “Conversa de Galeria”

A carajé da Baiana, espaço profano, Pedra do Sal.

R eina Vizinha Faladeira, tu és pioneira do carnaval.

T empo passado, presente e futuro.

E dificações interligadas. Mar exaltado! Sempre nascituro.

D o Palacete ao Modernismo... Exposições.

O lhar da Escola! Rio idealizando, tantas atribuições...

R J, Praça Mauá, VLT, Porto Maravilha.

I nternacional de Arquitetura no Mundo

O s Vizinhos do Mar a saudar. Com afeto profundo!!!

PARA TER ACESSO AS MATÉRIAS, CLICAR NOS LINKS DO SUMÁRIO

Sumário

06 **OS CAMINHOS NOS LEVAM
E NOS TRAZEM**

OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO
Oficina de Tranças 08

10 **PERSONAGENS DA REGIÃO**
Dolores Duran

PERSONAGENS DA REGIÃO
Ópera dos Vivos 12

14 **LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS FEMININAS**
As vizinhas que fazem a Diferença

LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS FEMININAS
Slam das Minas RJ 16

18 **CARTOGRAFIA DOS ARTISTAS
DA REGIÃO PORTUÁRIA**

CARTOGRAFIA GASTRONÔMICA
Um passeio pelos restaurantes e bares da região 28

30 **CARTOGRAFIA GASTRONÔMICA**
Bafo da Prainha: comida e memória

VIADUTO LITERÁRIO 32

Os caminhos nos levam e nos trazem



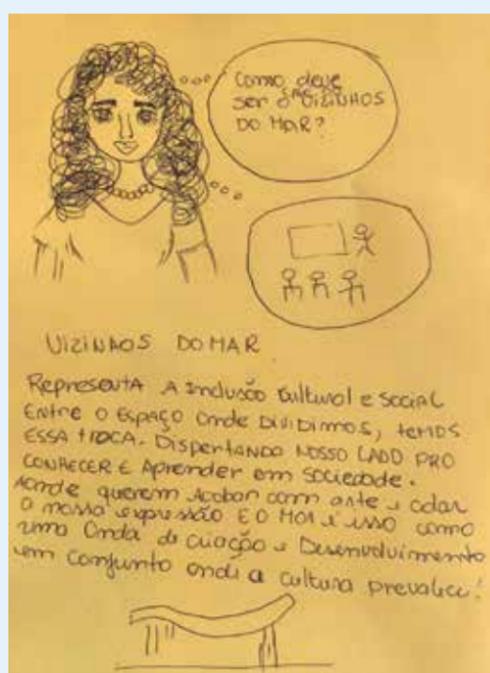
Fotos :: Acervo Escola do Olhar

Moto Tai

Taiane Ribeiro é Poeta e também Motofrete. Tem como foco em sua trajetória enquanto artista negra a poesia e os seus desdobramentos enquanto instrumento que possibilita inúmeras abordagens.

Moro na região há 32 anos, minha vida escolar foi toda vivida no morro da Conceição e me lembro de como era a praça Mauá. A mudança trouxe diversos sentimentos e possibilidades para uma parcela da população que ali reside ou trabalha. A convivência diária com espaços públicos culturais aguçou a curiosidade e

se as interferências antes viam do barulho das obras e do caos do trânsito, após a inauguração elas acontecem e se direcionam sobre os sentimentos de cada indivíduo que viveu o passado e vislumbra um futuro. A palavra vizinhança se define como qualidade ou estado de estar próximo de algo ou alguém e nesse



espaço trago a fala de Luziete Fernandes que diz “os vizinhos são obra de arte viva.

Sem sombra de dúvidas o projeto traz aos seus participantes a possibilidade de derrubar paredes invisíveis contidas em alguns museus.

Cada história e vivência dessas pessoas é única e plural. Elas se confundem e se entrelaçam com as histórias e estórias da região portuária do Rio de Janeiro.

A revitalização conduziu aos moradores a proximidade física e o programa “Vizinhos do mar”, como desenhou Helena Ribeiro, é uma borboleta que sobrevoou os muros enormes do desconhecido e adentrou o museu.

Sendo convidados para tomar um café, ao olhar a mesa com atenção fica claro que falta muita coisa. É evidente em cada reivindicação que faltam oficinas, mural, constância, terem suas

poesias lidas e suas arquiteturas vistas. Eles querem ser parte artística do local.

As memórias que ficam claras são as de pessoas que atuaram no programa e que por algum tempo fizeram o diálogo entre a instituição e os vizinhos.

É como se o café não estivesse tão quentinho e que o bolo estivesse solado.

Como boa vizinhança não

se reclama da temperatura da bebida e diz que bolo tá até fofinho, mas em contrapartida oferecem ajuda para que na próxima vez fique melhor e a cada novo vizinho que chega a receita vai sendo incrementada e melhorada.

O café alimenta o desejo, mas não sacia a fome de dentro.

Taiane Ribeiro – Moto Tai



OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO

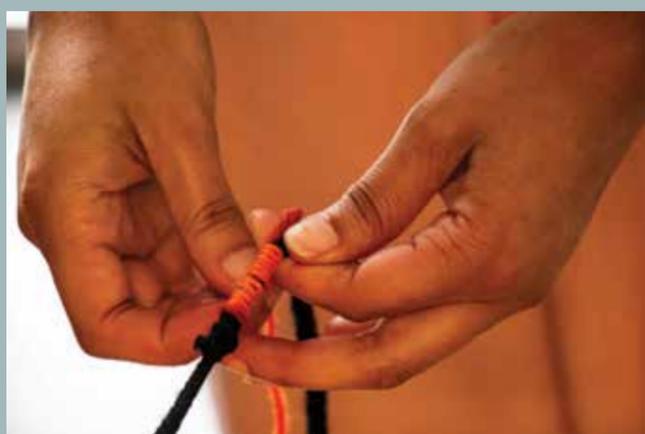
Oficina de Tranças

Por Veridiane Vidal



Sobre Veridiane Vidal
- É Natural de Minas Gerais e moradora do Morro da Conceição, região portuária do Rio de Janeiro. É atriz, artesã, arte educadora, trançadeira e pesquisadora da ancestralidade e estética negra na diáspora, através das tranças e turbante. Formada pelo Curso Técnico do TU (Teatro Universitário da UFMG), tendo realizado oficinas de teatro do oprimido em diversos municípios de Minas Gerais. Atualmente trabalha do CAPS AD III (Centro de Atenção Psicossocial de Álcool de outras Drogas) exercendo oficinas de tranças afro para mulheres em situação de rua com transtornos mentais e uso abusivo de álcool e outras drogas.

Trançado que resgata história perdida em navios e nunca registrada em livros. O Trançado que dá voz às mulheres que lutam e resistem na zona portuária do Rio de Janeiro. São ligações dos mapas da pequena África com a história perdida do continente. O Trançado é mapa de rotas de fuga. Trançado dos fios, são histórias entrelaçadas. A oficina de tranças foi o início de um diálogo, resgate de identidade e empoderamento feminino. Através de encontros como este podemos criar estratégias para minimizar o racismo e resgatar a história perdida do território.





PERSONAGENS DA REGIÃO

Dolores Duran

Paula Carriconde

Paula, moradora dos arredores do morro do Pinto há mais de 30 anos. É gaúcha, artista plástica e assídua do café com Vizinhos.

Adiléia Silva da Rocha, nascida em 7 de junho de 1930, numa vila de casas na rua do Propósito, no bairro da Saúde, zona portuária. Era filha de uma modesta costureira e como padrasto tinha um sargento do exército. Gente humilde, que por força do pouco dinheiro, viviam se mudando para aluguéis mais baratos e, assim, indo em direção ao subúrbio. A menina revelou seu dom para o canto nas procissões da igreja do bairro, mas no início da adolescência

resolveu ser atriz, fazendo parte de um grupo de teatro infantil, que se apresentava no Teatro Carlos Gomes, na praça Tiradentes. Suas coleguinhas foram Daise Lucides e Nathalia Timberg. É claro, quando havia alguma canção na peça infantil, ela era a encarregada, brilhando sempre.

Já com 15 anos, começou a concorrer nos shows de calouros que existiam em todas as rádios. Então, inevitavelmente, ganhava todos os prêmios. E claro,

surgiram os primeiros convites. Quando adulta, se tornou crooner das boates chiques da zona sul. Então, criou um nome artístico, inspirado na moderna atriz americana: tornou-se Dolores Duran. Um detalhe: quando terminou o primário (naquela época eram 5 anos), falou para sua mãe que iria dar uma parada e só investiria na carreira de cantora. Só que não, seu amor aos livros e a música a levaram a ler muito e a se tornar uma mulher muito culta.

Sua biblioteca era impressionante, desde autores clássicos franceses, russos, italianos e alemães, assim como os modernos americanos. Claro, os brasileiros também. Sua paixão por músicas estrangeiras a levaram a aprender francês e inglês como autodidata, pois tinha ouvido absoluto. Cantava e falava sem sotaque e isso foi acrescentado ao seu repertório. Naquela época, as boates eram o centro da vida boêmia da alta sociedade e dos políticos da então capital do Brasil.

Dolores agradou a esta plateia esnobe e exigente, assim como os grandes críticos musicais que a louvaram nas colunas dos grandes jornais da época. Também compositores se tornaram seus maiores fãs (Billy Blanco, Tom Jobim, Fernando Lobo etc.) Ela mesma se tornaria uma grande compositora, a prova é “A noite do meu bem”.

Cantando em rádios, boates e em bailes, mudou-se para a zona sul. Foi finalmente contratada pela rádio Nacional, a maior e mais importante rádio do Brasil na época. A Nacional seria o equivalente a TV Globo, hoje em dia. Estávamos na era de ouro das rádios (anos dourados). A televisão

estava engatinhando, havendo apenas dois canais e o terceiro só seria inaugurado em 1959. Além disso, havia poucos aparelhos na cidade, enquanto em todas as casas tinham, pelo menos, um aparelho de rádio. Através da rádio Nacional, Dolores fez diversas excursões pelo país e pelo exterior. Cantou várias vezes no Uruguai, tanto em Montevideo como em Punta del Este. Com o tempo vieram os discos: a grande meta dos artistas.

Também fez reportagens e foi capa das mais importantes revistas. Era uma mulher muito à frente do seu tempo, independente, tanto financeira como emocionalmente, era muito namoradeira. Diziam que não era bonita [?], mas muito simpática, inteligente, muito alegre, com piadas rápidas. Suas músicas tristes surpreendiam aqueles que a conheciam. No meio artístico, que era um poço de vaidades, todos a adoravam, pois era de fácil convívio, mas um mal de infância a deixou com problemas no coração, tanto que isso contribuiu para que falecesse, precocemente, aos 29 anos. Teve o primeiro infarto aos 24 anos, porém recuperou-se logo em seguida. E então, decidiu casar com o namorado do momento, mas apenas no civil.

Continuou cantando na noite e sofreu um aborto que a deixou estéril. Então, adotou uma menina. Resolveu pintar quadros e para isto colecionou e leu todos os livros de arte e biografias de artistas famosos, tais como: Rembrandt, Ruben, Manet e Renoir. Conhecia todos os movimentos e escolas de artes. Ouvia de clássicos até a ópera e MPB regionais. Adorava tudo. Era uma mulher refinada, mas simples. Dizia palavrões na hora certa.

Dizem que o grande costureiro de alta costura, Dener Pamplona, não só fazia vestidos como desenhava seus modelos na parede do apartamento de Dolores. Quando o marido dela quis pintar a parede, ela bateu o pé e disse não. Ela era uma mulher que não se encaixava nos padrões estéticos da época: era gorda, tinha os traços da mulher negra e o cabelo crespo. Os dentes superiores eram separados, o que todos achavam charmoso, além das bochechas salientes que gerou o apelido.

Foi cantar na URSS (Antiga União Soviética) com uma caravana de artistas brasileiros. Voltou falando mal de lá, achou um horror e não ficou calada. Mas foi à Paris, seu grande sonho desde adolescente, e adorou.

Ópera dos Vivos

Paula Carriconde

A primeira casa de ópera do Rio de Janeiro, também conhecida como Ópera dos vivos e Ópera do Padre Ventura.

A primeira ópera foi fundada em 1747 pelo padre Ventura, na Gamboa ou nos confins do Valongo, como falam alguns autores. Primeiramente, foi chamada de Ópera dos vivos porque, anteriormente, havia um teatrinho de marionetes (estes de tamanho natural) e depois começou a encenação com pessoas. Aliás, este teatro de marionetes continuou sendo apresentado, entrelaçado com os outros espetáculos. Mas quem foi o padre Ventura? Na realidade, seu nome era Boaventura Dias Lopes, nascido no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1710. Filho de uma rica família carioca. Por exemplo, ele foi fiador de sua mãe num empréstimo de 800\$00 (oitocentos mil réis)



Ilustrações :: Paula Carriconde

Interior Ópera

com o tesoureiro da Sé, hipotecando duas casas que possuía na rua da Quitanda dos Mariscos, hoje, rua da Alfândega, vizinha a “casa da ópera”.

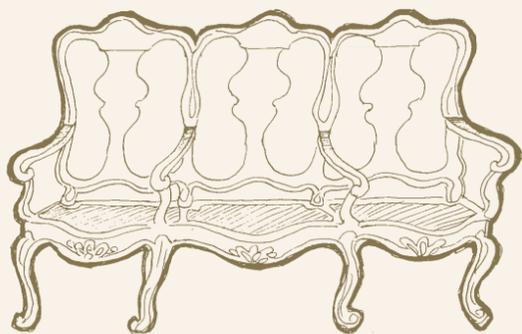
Tornou-se padre secular (tomou o hábito de São Pedro) no ano seguinte à construção da Ópera. Padres seculares não obedeciam ao Papa, mas sim ao rei de Portugal. A descrição do padre Ventura é de que era um

homem pardo, corcunda, de aspecto curioso e, às vezes, ameaçador. Não sabemos se esta descrição foi feita por amigo ou o contrário, mas devia ser um homem culto, refinado e rico, é claro. Seu irmão, Manuel Dias Lopes, foi bacharel em Coimbra e, mais tarde, também padre secular. O padre Ventura não só construiu o teatro, como também o dirigia, acumulando as funções

de maestro e diretor de cena. Tocava alguns instrumentos e costumava subir no palco para cantar lundus e outras danças.

Localização da ópera:

Isto é um pouco confuso. Há relatos que ficava para lá do Valongo, outros que ficava na Gamboa, outros que ficava na quadra da atual estação de metrô Uruguaiana ou na antiga rua da Quitanda dos Mariscos, hoje, rua da Alfândega. Bom, consultando mapas é bem provável que no século XVIII a Gamboa fosse até lá, afinal era um bairro de chácaras onde vivia a aristocracia carioca de então (vide ilustração de um palacete).

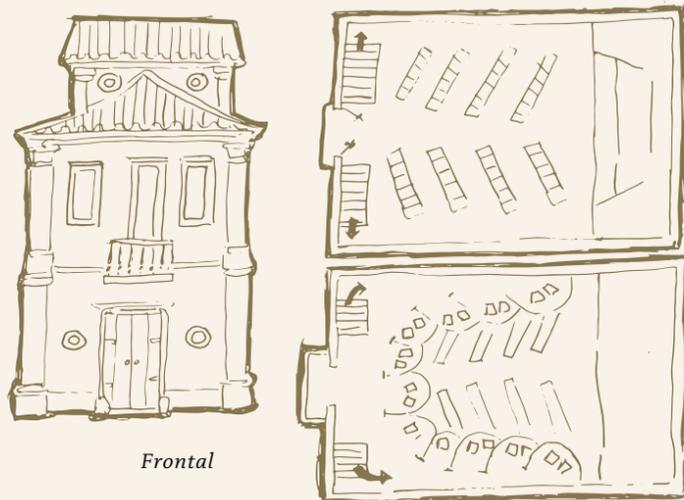


Cadeirão D. João V

Faz sentido construir uma casa de ópera próximo ao bairro dos frequentadores, pois eram espetáculos para a elite de então. O prédio era comum, não havendo nada de excepcional. Por dentro, uma plateia com bancos de encosto alto e braços, no estilo D. João V. Assentos em brocado vermelho, assim como os cortinados dos camarotes no primeiro andar. Curiosidade: os homens sentavam-se na

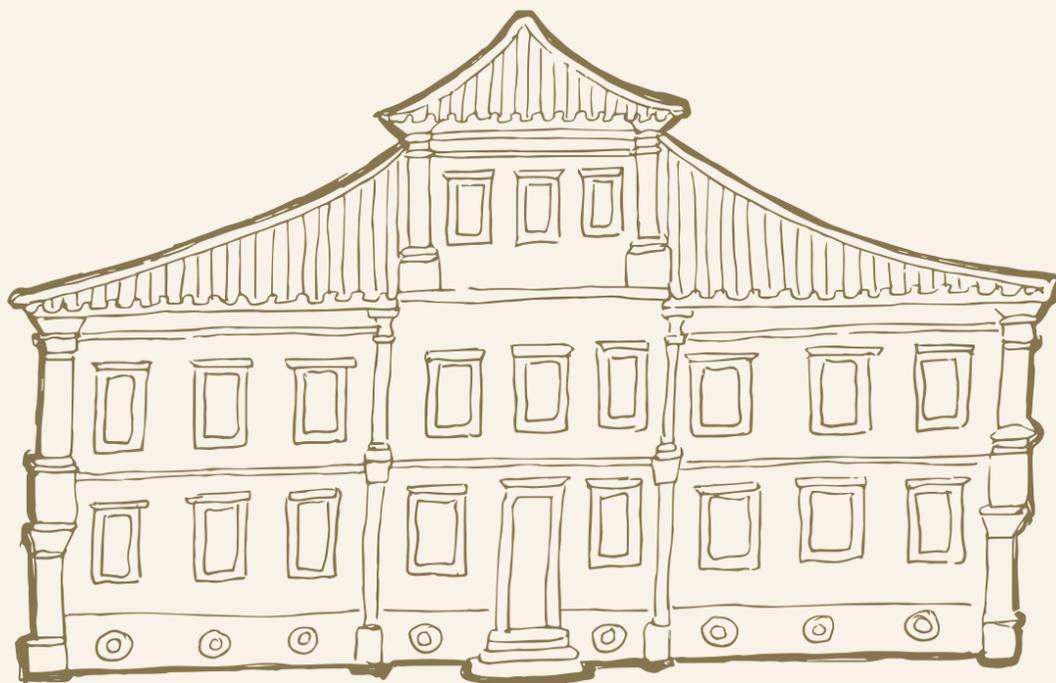
plateia e as damas nos camarotes. Havia dois lances de escadas que ligavam a plateia aos 16 camarotes. Iluminação com lustre de óleo de baleias e, talvez, candelabros de madeira presas às colunas. Tinha fosso para a orquestra e palco, pouco acima do chão. Media o salão 29.7m por 19.8m, normal para uma casa de espetáculos do século XVIII.

O que era ópera então? Naquela época significava tanto peças de teatro dramático, como comédia ou cômica-dramática, recitativos etc. Por ter poucos recursos, as óperas e peças aproveitavam os cenários e as roupas, ficando portanto, carnavalescas. Os cantores, em sua maioria mulatos (talvez livres ou alforriados) exageravam nos gestos e nas performances, principalmente vocais.



Frontal

No início do século XIX foi muito criticado este tipo de espetáculo. Surgiu outra casa de ópera, ao lado do paço, na atual praça XV. Construída pelo mesmo padre, que delegou a seu irmão, mas reservou um camarote para si. Foi chamada de Ópera Nova e, por conseguinte, a outra de Ópera Velha. Isto foi por volta de 1775. Foram apresentadas óperas italianas, principalmente de Metastasio, Pergolesi etc. Assim, como a do dramaturgo carioca, Antônio José da Silva, o judeu. Por volta de 1773 o teatro incendiou, um ano após a morte do padre Ventura, em novembro de 1772.



Mansão

A photograph of a woman with vibrant red hair, wearing a patterned shirt and a backpack, performing at a community event. She is holding a microphone and looking towards the audience. The background is filled with other people, some of whom are also performing or watching. The scene is lit with warm, ambient lights, suggesting an evening or indoor setting with artificial lighting.

LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS FEMININAS

As vizinhas que fazem a diferença

Tom Grito

Morador do morro do Pinto e fundador do Slam das Minas. É inventor de palavras, combinador de letras e incendiário de discursos. Pesquisador de utopias inescapáveis e de tecnologias ancestrais para acolhimento e cura de violências sociais.

Sempre imagino um mundo onde você possa confiar na vizinha. Aqui, na zona portuária, são muitas lideranças que fazem a diferença e nesta matéria eu vou me dedicar a falar das mulheres da região. No começo da pandemia, muitas foram as famílias apoiadas por campanhas

sociais. E, embora, as vizinhas mais famosas da área carreguem a fama de fofoqueiras, como a “vizinha faladeira” e o “fala meu louro”, ali mesmo, nessas agremiações, muitos projetos sociais são articulados como o Instituto Efeito Urbano que tem aula de dança pra comunidade, coordenado pela produtora cultural Ellen Costa e pela coreógrafa Juliana Mello que também ajudaram mais de 27 mil pessoas¹, desde o começo da pandemia. Aliás, a Providência, primeira favela do Rio de Janeiro, é também um lugar onde habitam muitas lideranças. No alto da praça Américo

Brum funciona o Bar da Jura, com a vista mais bonita da região e a melhor costela com agrião do bairro. Juraci Vilela Gomes lidera esse ponto de articulação social, onde boa parte das ações sociais são realizadas. Além de cozinhar maravilhosamente, Jura, como gosta de ser chamada, também empreende em ações fora do morro com sua filha, Elaine Vilela Piau, no Tabuleiro da Pequena África. Pernambucana, nascida na Brasília Teimosa, uma comunidade resistente de Recife que também lida com os paradoxos da gentrificação, Jura mora há 51 anos na Providência.

Quando lhe perguntei quais os nomes de mulheres que representassem lideranças sociais na região, ela não titubeou e me indicou Aline Mendes do Impacto das Cores². Já conhecia Aline, pois tínhamos feito uma ação em conjunto na praça da Marquês, debaixo do viaduto.

Aline recolhe tintas sem uso, evitando o descarte inadequado e traz cores para áreas da comunidade que precisam de alegria e renovação. Além disso, Aline também articulou cestas básicas, atendimento e teste de covid no início da pandemia, junto com a médica Ana Paula Cassetta, voluntária já conhecida na região por sua generosidade. A sede do Impacto das Cores fica próxima do bar da Jura e se você quiser conhecer é só pedir informações por ali.

Quem me apresentou Aline foi tia Marcinha, como é conhecida pelas crianças, Márcia Raquel organiza o Viaduto Literário³. Antes da pandemia, o Viaduto Literário realizava ações aos sábados, pela manhã, na praça da Marquês, em frente à Vizinha Faladeira, mas com a pandemia, tia Marcinha apoiou muito na busca de suprimentos para as famílias da região, além do combate ao covid-19, sem deixar de manter contato com as crianças e incentivar à leitura e às informações sobre uso de

máscaras e higiene para prevenção do contágio. Quem me apresentou Marcinha foi Fatinha. Maria de Fátima Lima fundadora do Favela Cineclube⁴ é uma liderança tão importante na região que já foi capa do zine do Slam das Minas RJ e entrevistada na nossa live, que está disponível no YouTube⁵. Uma articuladora da cultura e pensadora, Fatinha integra a luta pelo acesso aos direitos humanos e à cultura, usando da linguagem do cinema. Costumava projetar filmes na praça da Brinks, depois debaixo do viaduto e com a pandemia reduziu suas ações aos predinhos da Nabuco, para evitar aglomerações. Fatinha sempre lidera as ações de conscientização sobre direitos humanos e é também uma importante ativista LGBTQIA+ da nossa cidade. Outra importante liderança de nossa região é Raquel Spinelli do projeto Providenciando a favor da vida⁶, um projeto

que nasceu pequeno, amadureceu e agora tem sua própria sede e realiza importantes ações com jovens gestantes da região. Não poderia encerrar esta matéria sem mencionar outra liderança da região, Débora Ambrósia, que não bastasse ser a produtora do coletivo Slam das Minas RJ⁷, também está tocando, junto com Aline Guimarães, a transformação de uma iniciativa chamada Mocamba Livre⁸, na rua do Livramento. A sede do projeto, que está em obras, será um centro cultural de resistência ancestral, tendo como base a comida, o slam e o teatro para as crianças da comunidade. Passear pela região e conhecer tantas iniciativas de acolhimento, luta por direitos e apoio à comunidade lideradas por mulheres potentes, só me fez ter mais esperança de acreditar na transformação de um futuro mais justo e digno para todas as pessoas desta região. Vamos apoiar estas iniciativas e sonhar juntos.





Fotos :: Slam das Meninas

Slam das Minas RJ

Mapear os artistas e coletivos culturais de nossa zona portuária é uma forma de oportunizar a visibilidade a estes artistas e colaborar com a sua resistência diante dos desafios impostos pela pandemia, como o de reduzir as atividades culturais com a presença do público.

Existem muitos coletivos culturais que se encontram sediados na zona portuária, hoje vou apresentar a vocês, o Slam das Minas RJ.

Slam das Minas RJ é um coletivo poético, formado em maio de 2017, que possui um saber multidisciplinar (corpo, voz e performance) na produção literária, em especial na poesia falada, que desenvolve projetos nas áreas de educação, cultura, sustentabilidade, arte, comunicação, dentre outros. É uma brincadeira lúdico-poética para desenvolvimento da potência artística de mulheres (sejam heteras, bis, pans, lésbicas, trans,

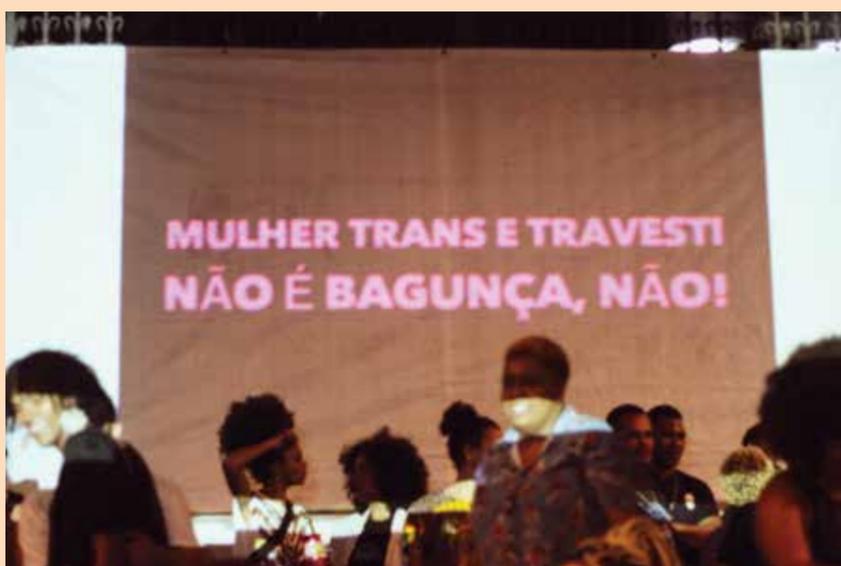
peças *queer*, não binárias etc.). É organizado por Débora Ambrósia, Gênesis, Tom Grito, Lian Tai, Andrea Bak, Moto Tai, Rejane Barcellos e DJ Bieta. O Slam das Minas RJ busca ser referência na área da literatura e das artes, seja como espaço de produção de poesias, uma perspectiva pedagógica, seja para a prática da pesquisa, atuação artística ou desenvolvimento de projetos sociais. O coletivo é independente e atua com a realização de eventos, oficinas e performances poéticas.

Fundado em 23 de maio de 2017, este coletivo nasceu no Largo do Machado, zona sul/centro do Rio de Janeiro com uma proposta de itinerância.

As batalhas de *poetry slam* ou como ficaram sendo chamadas no Brasil, apenas de “slam”, são competições de poesia falada em que os participantes falam poemas autorais, com duração de até 3 minutos e recebem notas de um júri formado

por 5 pessoas escolhidas da plateia. Dentre as 5 notas, que variam entre 0,0 e 10,0, a nota maior e a nota menor são descartadas para evitar favorecimentos ou desfavorecimentos e o poeta pode receber então, até 30,0 pontos por poema, considerando os décimos.

O slam chegou no Brasil em 2008 e no Rio de Janeiro em 2013. O Slam das Minas RJ surge em 2017 com um recorte de gênero. A diferença deste slam é que somente mulheres e pessoas trans podem falar no microfone, provocando a reflexão aos homens cisgêneros (pessoas que foram designadas homens no nascimento e assim se reconhecem) sobre seu lugar de privilégio na sociedade. O Slam das Minas RJ tem endereço fixo na zona portuária, pois três de suas integrantes moram na região. Ficou curioso para saber mais deste coletivo, visite as redes do Slam das Minas RJ. Elas têm vídeos no Instagram e YouTube com o @slamdasminasrj.



Cartografia dos Artistas da Região da Zona Portuária

Quem?

Davi Braskinovten

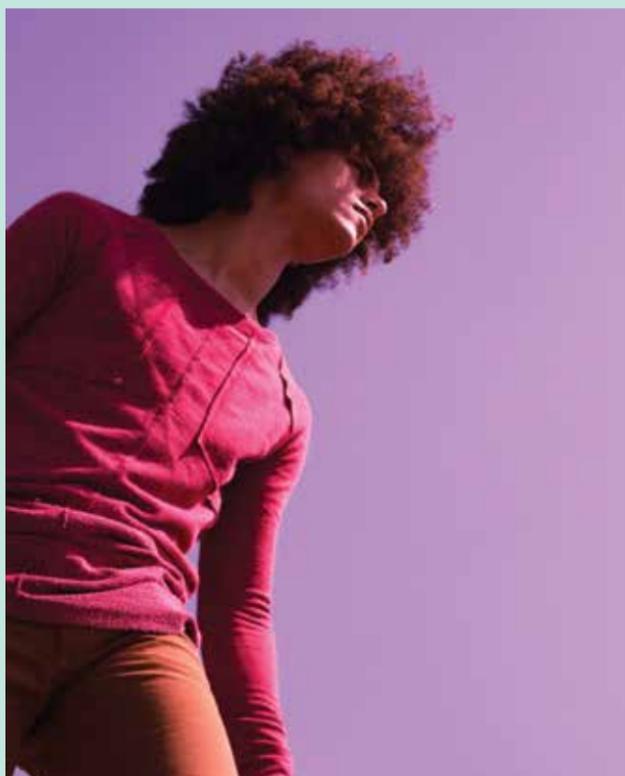
davi.braskinovten1@gmail.com.



“Sou artista de rua, homem preto favelado com foco na ancestralidade. Trabalho com a terra e o mar, amante da natureza, sei a importância da coletividade e da energia marginal.”

Como chegou até aqui?

“Sou nascido e criado no meu bairro, desde sempre participo de eventos ou organizo mutirões. Sou ator de uma cia. de teatro de rua que enaltece o lugar de onde eu moro e a história do rio antigo. Minha cia., desde o período da pandemia, trabalhou muito para ajudar os moradores com cestas básicas, máscaras e álcool em gel.”



Quem?

Augusto Araújo

manoel.augusto2006@gmail.com

Coordenador executivo do projeto graffit & Arte na Pilastra. Capacitação de 50 jovens no grafismo. Autor e coordenador do projeto Noite de Autógrafos. Ganhador do prêmio Porto Maravilha Cultural com apresentação do livro Mulher Rainha do Lar. E o livro Passagens da Vida. O Grito dos Oprimidos. Melhor livro popular da América Latina

Como chegou até aqui?

“Morador do bairro há 60 anos. Sou escritor. Escrevo sobre o bairro nobre de Dom João VI. Bairro da monarquia ao complexo de 10 favelas. De 1822 a 2020”

Quem?

Jinaki Ketema

[instagram.com/slamcaju](https://www.instagram.com/slamcaju)



Cantor, poeta e produtor cultural. Organiza o Slam Caju e o Planta ae Caju.

Como chegou até aqui?

“Visando espalhar a cultura, poesia e arte na favela do Caju. Divulgando a comunidade e fazendo com que ela tenha reconhecimento fora de sua área, pois é um lugar esquecido.”



Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

Juliane Gamboa

instagram.com/juliane_gamboa



“Cantora e historiadora da arte, nascida em Petrópolis. Sua musicalidade é amplamente influenciada pela música negra, desde a MPB, passando pelo samba, o jazz e a soul music. Seu trabalho tem recebido notoriedade dentro e fora do Rio, contando com o reconhecimento de artistas consagrados como Chico César, Teresa Cristina, Angela Rô Rô e J.J. Thames”.

Como chegou até aqui?

“Atualmente moro na Gamboa, na região da praça da Harmonia, há mais de dois anos. Toquei diversas vezes no Mississippi Delta Blues Bar e no festival do bar no HUB RJ. Também produzi uma edição do sarau de minha co-autoria “Mulher é Música” junto com a cantora Tuany Zanini. Me apresentei algumas vezes no espaço Casa do Barista, integrei artisticamente algumas edições do evento Gamboa de Portos Abertos e na última, que foi online, moradores da região, Jane e Tom, gravaram um doc



sobre a minha vida e música que já está disponível no Youtube. Também já atuei como educadora no Museu do Amanhã, fiz cursos livres do MAR (curso de mediadores e sobre mulheres artistas)”.

Quem?

Robson Felix

instagram.com/robson.felix

É um cronista urbano.

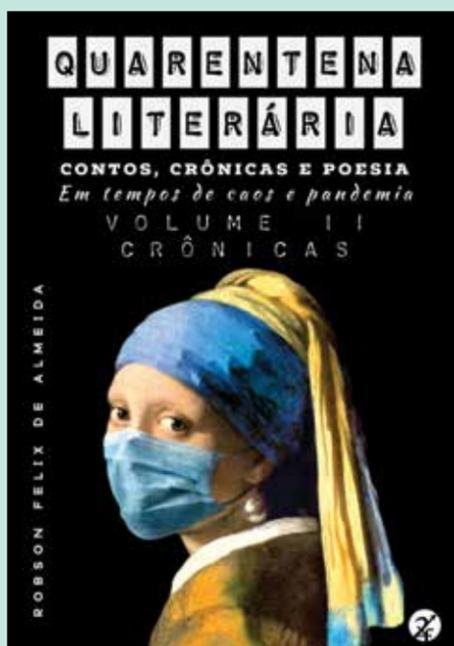
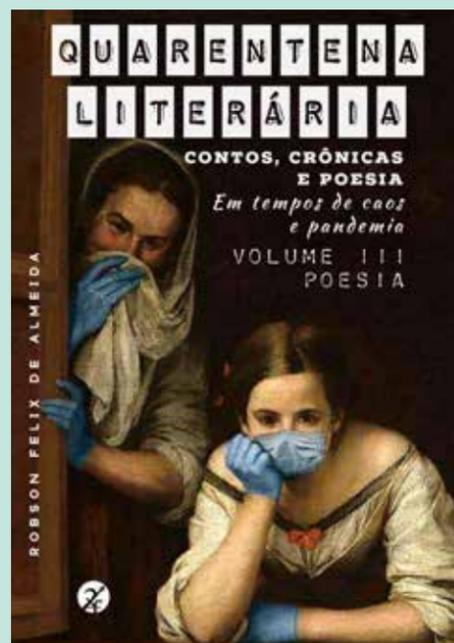


“Escrevo desde que me entendo por gente, mas somente em 2015 lancei meu primeiro livro intitulado: Flor de Sal – Memórias de um hedonista – Livro I. Em 2018, lancei um novo livro que fala de amor incondicional chamado Lacrimejando e, ano passado, lancei uma antologia do Projeto Pensamentos Soltos, que se chama Quarentena Literária, Contos, Crônicas e Poesia

em tempos de caos e pandemia”.

Como chegou até aqui?

“Me inspiro nos personagens peculiares e as conversas entreouvidas nas esquinas da região portuária”.



Quem?

Liliane dos Anjos (Enfim Nós – Macramê)

[instagram.com/liliane_dosanjos](https://www.instagram.com/liliane_dosanjos)

“Desde criança sou dada às manualidades. Da costura à mão das roupas de bonecas ao bordado em ponto cruz, passando pelo origami, cosméticos naturais. Com a pandemia e os dias a fio em casa, resgatei o macramê. Também sou

massoterapeuta e assim brinco em atar os nós nos fios e desatar os nós nas pessoas.”

A “Enfim nós Macramê” trama itens de decoração e utilidades em

macramê, também

atuando em projetos de apelo afetivo. Sabe aquela lembrança que você tem guardada da infância, como as conchinhas que catava na praia quando criança e esquecida em um canto da casa? Ela pode virar uma bela peça decorativa atrelada ao macramê”.

Como chegou até aqui?

“Moro no Morro da Conceição a 3 anos, mas sinto como se vivesse aqui desde sempre. Foi amor à primeira caminhada. E aqui sigo tecendo minha independência, tramando caminhos e mesclando a tranquilidade do Morro da Conceição com o caos da cidade”.



Quem?

Rodrigo e Thiago (Criando Com As Mãos)

[instagram.com/criando.com.as.maos](https://www.instagram.com/criando.com.as.maos)

“Buscamos trabalhar e influenciar nossa arte pela estética do conceito urbano, rústico artístico e minimalista. Romper com os padrões e gerar uma arte verdadeiramente moderna que retrate a cultura e costumes de todo o conceito artístico.”



Como chegou até aqui?

Trabalhamos com a representação de que todo nosso trabalho é inspirado nas cores, representações artísticas culturais, movimentos culturais na região e o urbano que é agrega nossa inspiração de usar o concreto, que está bem presente na Zona Portuária.



Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

Ana Lima criando

[instagram.com/analimaarte](https://www.instagram.com/analimaarte)



“Sou uma artista que nunca estudou. Estou em construção. Como artista visual, desenvolvo uma pesquisa plástico-poética sobre abusos e violências de gênero, articulando linguagens do desenho, pintura, bordado.”

Como chegou até aqui?

“Foi no Morro da Conceição que fiz a minha primeira exposição Varal da Ana. Coloquei um varal com meus trabalhos pendurados na faixa do Casarão. Foi incrível ocupar esse espaço”.



Quem?

Maristela Pessoa

instagram.com/maristela.pessoa

“Sou designer e arte educadora. Me interesse pelas linguagens das manifestações da Cultura popular.



Atualmente pesquiso a arte têxtil e as tecnologias de produção de pigmentos naturais.

Busco conexões entre os campos do design e arte popular. Investigo as linguagens da arte têxtil e a produção de tintas naturais. Atualmente tenho produzido pequenos bordados a partir das cores e

texturas. Também pesquisa o reaproveitamento de matérias, as conexões das tecnologias populares para a produção de objetos e ações educativas. A proposta é evidenciar o gesto técnico e o olhar de cada potencial artista.”

Como chegou até aqui?

“Sou moradora da região portuária há 8 anos. Tenho participado de ações artísticas que buscam dar voz a quem vive aqui. Realizei uma ação para divulgar a Biblioteca comunitária da Prainha, atividade vinculada ao Ppdesdi-UERJj e a Universidade

da Dinamarca.

Produzimos um cordel “o CORDELSING”, publicação feita de forma colaborativa com os alunos da graduação e pós graduação da Esdi-UERJ e os participantes do Som das Artes, evento que acontecia no largo da Prainha. Atuei como facilitadora para a criação da feira de artesãos da praça da Harmonia e realizei oficinas no MAR: uma de produção de mensagens com carimbos e outra de construção de brinquedos com sucata, na feira de trocas e evento de sustentabilidade promovidos pelo museu.”



Quem?

Ramonzin

instagram.com/ramonzin

“Ramonzin, rapper, compositor, trompetista e produtor musical.



Vindo do subúrbio da zona norte, hoje morador do Morro da Conceição, trabalha no cenário musical há 20 anos. Começou sua carreira através do skate, frequentando as rodas de freestyle e batalhas de rima, promovidas na Lapa no final dos anos 90.”

Como chegou até aqui?

“A conexão de Ramonzin com o bairro é genuinamente legítima. Vindo do subúrbio da zona norte, ele encontra no Morro da Conceição um lugar de similaridade e conexão de forma única. O morro é um dos poucos lugares no Rio de Janeiro que preservam sua identidade e raízes de um Rio antigo, não mais visto nos dias de hoje. Sejam nos costumes do cotidiano como na sua parte estética e arquitetônica. O trabalho de Ramonzin conversa com essas simbologias

do imaginário carioca e sua simplicidade do dia a dia. A Zona Portuária tem uma ligação direta com a forma que desenvolve sua arte. É por si, a identidade do seu discurso.



Na rotina, nos bares, na arquitetura, na malandragem e no histórico de resistência negra, ainda ativa e presente no bairro.”

Quem?

Luziete Fernandes
[instagram.com/
quitutesdaluz](https://www.instagram.com/quitutesdaluz)



“Artista na arte de fazer gostosura.”

O restaurante “Quitutes da luz” surgiu da vontade de divulgar arte e cultura do Nordeste. Também é um empreendimento que visa dar suporte psicológico as mulheres.

Como Chegou até aqui?

Moro há trinta e cinco anos na região portuária, tenho uma ligação muito forte com Região. Sou participante ativa de vários projetos culturais e gastronômicos, entre eles : Café com os Vizinhos do Museu de Arte do Rio, Associação “Sabores do Porto”, Agente do Valongo, Associação moradores do Porto e Vizinhos do Amanhã.



Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

darck.rockmetal@gmail.com

“Busco a tecnologia para expressar a minha arte. Criar objetos e peças únicas e colecionáveis e ajudar de a melhorar a vida das pessoas com o uso da tecnologia”.

Como chegou até aqui?

“A minha conexão com o bairro é o museu de artes onde vi que posso contribuir em restauração de peças danificadas e ou a produzindo réplicas históricas nas impressoras 3D.”

Quem?

Gilson Gomes
[https://oraculociadeteatro.
blogspot.com?m=1](https://oraculociadeteatro.blogspot.com?m=1)



“Tenho Pós-Graduação em Gestão e Produção Cultural pela

FGV, formado em jornalismo e técnico pela Escola de Teatro Martins Pena. Um dos fundadores da Oráculo Cia de Teatro, ao lado de Wagner Brandi e Neila Tavares, que comemora 25 anos.

Também trabalha como jornalista na área de pesquisa.”

Como chegou até aqui?

“A minha história com o bairro vem desde menino. Tive a primeira escola e primeira professora na Escola Municipal Vicente Licínio Cardoso, onde ocorreu desde cedo o contato com a arte, no Jardim de Infância. Desde então, a paixão

pela cultura e pela região só aumentou. No bairro onde moro, surgiu várias produções teatrais para os palcos da cidade. Sinto falta de projetos e espaços culturais na região. Estímulo e incentivo para os artistas da Zona Portuária, que é uma região rica em cultura, onde reúne inúmeras histórias sobre o Rio de Janeiro. Citada em vários livros, dos mais diversos autores.”



Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

Tom Grito

*instagram.com/
tomgritopoeta*



“Tom Grito é inventor de palavras, combinador de letras e incendiário de discursos. Pesquisador de utopias inescapáveis e de tecnologias ancestrais para acolhimento e cura de violências sociais. Falante por prática e ouvinte por exercício, segue disposto

a comunicar pelo gesto, pelas frestas e pela linguagem, especialmente a arte e a poesia.”

Como chegou até aqui?

“Vim morar no morro do Pinto em 2017, na mesma ocasião em que participei da fundação do Slam das Minas RJ, nasci no Rio Grande do Sul e apesar de viver no Rio de Janeiro desde um ano de idade,



nunca tinha tido uma relação de conexão com nenhum território. Ao morar na zona portuária passei a me sentir parte de uma comunidade e a trabalhar para aprofundar essa relação.”

Quem?

Douglas Dobby

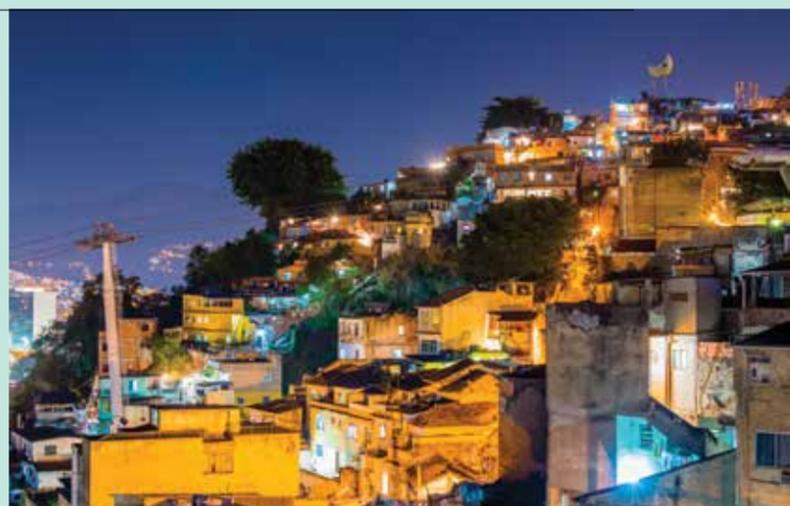
*instagram.com/
douglasdobby*



“É nascido, criado e morador do Morro da Providência. É fotógrafo desde 2009, quando iniciou seus conhecimentos na fotografia através de Maurício Hora, também fotógrafo e morador do Morro da Providência, desde a inauguração da “Casa Amarela Providência” onde atualmente é coordenador Audiovisual.”

Como chegou até aqui?

“Minha conexão foi a partir do momento em que nasci, e cresci vivenciando os acontecimentos ali no morro da Providência. Desde cedo aprendi o significado de onde moro, muito também por participar de projetos sociais voltados para a região Portuária. A questão da violência sempre foi muito presente na minha vida, e a maioria das vezes que eu tinha acesso a alguma notícia referente ao morro que vivo, percebia que tais referências eram voltadas apenas para o tema da violência. Sempre que eu tinha acesso a outros espaços, ou mesmo as pessoas sabiam que eu era morador do morro da Providência, o foco do assunto voltava-se para a seguinte temática.



Quando soube do curso de fotografia da Casa Amarela, fiquei interessado e passei a gostar de fotografia. Ao longo do seguinte curso, Mauricio Hora me atentou para esse lugar sensível sobre o morro, característica que segundo ele, outros fotógrafos não se preocupavam em registrar, fazendo apenas referência aos contextos de violência e insalubridade, contextos inclusive, bastante explorados pela grande mídia. Desta forma, após esta reflexão, me debrucei em aprofundar outras realidades vividas pelo morador, no intuito de desconstruir estigmas e preconceitos.



MARAVILHA

Quem?

CJNK

[instagram.com/cjnkucmwco](https://www.instagram.com/cjnkucmwco)



“Me chamo CJNK, artista do coletivo not kind, mestre de cerimônia e produtor na Roda Cultural da Central. Trabalho com produção cultural conhecida roda cultural da Central, localizado na Rua Coronel Audomaro Costa, do lado do Terminal Americo Fontenelle, realizada há 3 anos.”

Como chegou até aqui?

“Cultura Hip Hop vem direcionado, movendo emoções de muitas maneiras.

Formamos 4 elementos da transformação do Hip Hop, essa cultura é movimentada pela comunidade e pra comunidade. Exemplo foi a praça do cajueiro, onde acontece essa transformação, toda quarta, na roda Cultural da central. Incentivando sempre a juventude e formando artistas incríveis, diminuindo a depressão da garotada.”



Quem?

Tramas do Porto

[instagram.com/tramasdoporto](https://www.instagram.com/tramasdoporto)

[tramasdoporto](https://www.instagram.com/tramasdoporto)



“Escrever a história da Pequena África em bordados de forma que as pessoas se identifiquem e se sintam representadas pela minha arte. Tenho o propósito de disseminar a cultura local, além de gerar o sentimento de pertencimento dos atores sociais do lugar e fonte de renda. Tramas do Porto vai além de uma marca de vestuários. Desenvolvemos

várias ações que envolvem oficinas com reaproveitamento de materiais, Café com Tramas (encontros temáticos), cesta do Conhecimento com trocas de livros.”

Como chegou até aqui?

“Desde 1981 quando aqui cheguei, encantei com este lugar. Trajetória que começou como professora no Instituto Central do Povo. Levada pelas mãos de meus alunos tive oportunidade de conhecer bem o território fazendo crescer cada vez mais a admiração e o sentimento de escrever essa história de alguma forma. Além de professora em escolas do território, me envolvi em ações comunitárias com realizações de feira como coordenadora e consultorias para artistas por uma



Fotos :: acervos dos artistas

qualificação identitária de produtos para os futuros impactos previstos pelo Porto Maravilha.

Hoje as minhas ações começam na sede das Mulheres do Porto e se estendem para a sala de aula onde desenvolvo as habilidades artísticas e desperto o sentimento de orgulho dos meus alunos por pertencerem a este lugar que atrai o mundo inteiro com sua história.”



Quem?

Teresa Speridião

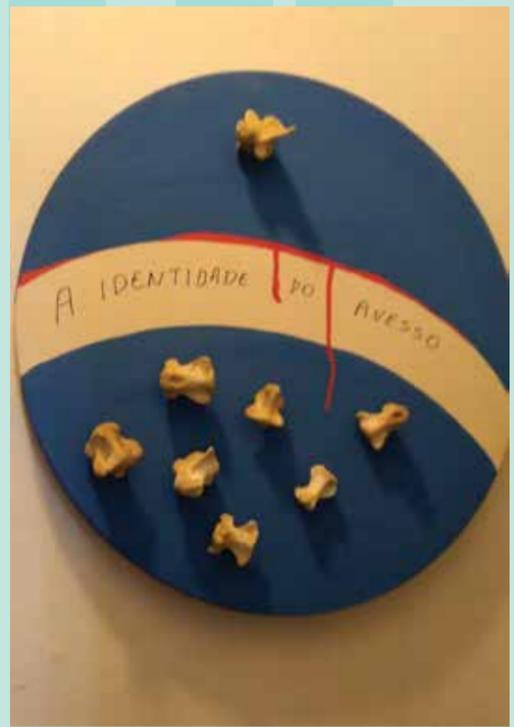
*facebook.com/
teresaspiridiao*



“Sou uma artista simples e procuro a comunicação direta e de fácil entendimento da linguagem pictórica. Meu trabalho oscila entre o engajamento político, expressando minhas ideias preocupações com nossa realidade social. Muitas vezes crio objetos com um pouco mais de leveza, permeando o lúdico.”

Como chegou até aqui?

“Moro na região faz 45 anos, participei de várias exposições: no Centro Cultural dos Correios, Centro Cultural da Light, Centro Cultural Banco Central e ALERJ. Fui colunista do jornal Folha da Rua Larga onde escrevi durante 10 anos e entrevistei artistas da região. Fiz parte do Projeto Mauá do Morro da Conceição e também ministrei cursos de pintura em tecido para moradores, patrocinado pelo Projeto



Mauá em conjunto com a PMRJ. Moro aqui faz 45 anos e pretendo continuar vivendo aqui, como artista e moradora.”



Quem?

Damiana Ferreira

*instagram.com/
baraxemaaua*



“Sou uma mulher comunicativa, adoro cozinhar e também gosto de trabalhar com o público. No bar do Largo da Prainha, denominado “Axé Mauá” faço meus quitutes baianos: mocotó, pastel de

bobó de camarão, caldo de feijão e de camarão. Tenho uma barraca na Praça Mauá, onde trabalho com turistas, vendendo cangas e souvenir do Rio de Janeiro.”

Como chegou até aqui?

“Moro a uns quarenta anos no Bairro com souvenir para turistas, porém devido a pandemia, abrimos um bar.”



Quem?

Paula Carricone
facebook.com/paula.carricone



“Pinto telas com óleos e tinta acrílica. Assim como faço bookart, esculturas em papel e murais. Também objetos artísticos que seriam descritos como figurativos com

várias formas barrocas se entrecruzando pode ser muito colorido ou às vezes quase monocromáticos”

Como chegou até aqui?

“Vim morar aqui há mais de 35 anos, pois precisava de uma casa e atelier com pé direito alto e com aluguel barato. Próximo ao centro e farto de condução.”



Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

Levi Marcos
instagram.com/ozro21



“Cantor/compositor de trap. Começando agora, mas já com muitas novidades na música.”

Como chegou até aqui?

“Bairro bonito, porém, quem cresce aqui vê a violência e covardia. Isso que me inspirou pra cantar um dia.”

Quem?

Ronaldo da Conceição
ronalodgeografia7@gmail.com



“Tenho grupo musical de Choro e Samba. Também promovo eventos! Já 11 anos promovo apresentações no bar do Geraldo, na ladeira do João Homem 65, trazendo vários músicos de fora do morro!”

Como chegou até aqui?

“Há 15 anos vim morar no morro da Conceição e após um tempo, tratei de protagonizar saraus musicais de Choro e Samba. Sou feliz por casar estes estilos musicais tão brasileiros, nesta área que há muito tempo é reduto e raiz cultural popular, já tendo recebido João da Baiana, Pixinguinha e tantos outros artistas!”



Quem?

Angélica de Paula
instagram.com/angelicadepaulavoz

“Cantora, atriz e compositora no cenário Carioca desde 2016. Primeiramente iniciou-se como estudante da Escola Portátil de Música e coralista do Coral Cênico do Imperator. Atuou nas companhias Trupe da Arte e Arte em Cena nos anos de 2017/18, sempre em peças voltadas para o Teatro de Musical. Paralelamente seguia como intérprete principal do Bloco do Moreno tendo como sede o Teatro Ziembinski; assim como do grupo Samba da Gamboa que

se apresentou em diversos eventos sempre enaltecendo a música popular e afro brasileira! Como moradora do bairro da Gamboa, Angélica de Paula possui expressividade e representatividade como artista, apresentou-se em diversas casas como: Casa do Propósito, Casa Gamboa, Bar da Kriss, Casa do Nando, Templo da Cigana Azerrer, Sebo das Canelas, entre outras... Ao longo desses anos de pandemia participou de eventos como Gamboa de Portos Abertos e Live exemplo Samba do Armazém do Bem e curta Mulheres de Propósito!!!”

Como chegou até aqui?

“Conheci o Bairro em 2017, quando comecei a cantar no Bar Dellas em uma roda de samba voltada para estudo dos músicos. A paixão foi tanta que me mudei no ano seguinte. Meu envolvimento enquanto artista só tem crescido, atuo como cantora em diversas casas e também participo de movimentos sociais como as Mulheres do Propósito e o MLB! Eu também possuo uma casa de acolhimento e cuidado, Casa Amora, onde são oferecidos tratamentos estéticos e terapias holísticas!”

Fotos :: acervos dos artistas

Quem?

Gil Vilela

[instagram.com/gilvilelaa](https://www.instagram.com/gilvilelaa)



“Sou músico, professor, violinista e universitário. Atualmente

sou educador social do Projeto Roda Viva, violinista do projeto Ação Social Pela Música do Brasil, Orquestra Sinfônica da Unirio e artista de rua do Grupo Som Dos Crias. Integro no elenco da Cia Clanm, atualmente como violinista no Manifesto Elekô e Grupo EMU, como violinista em Mercedes”.

Como chegou até aqui?

“Me tornei artista através de projetos sociais que

atendiam a zona portuária, o samba sempre se fez presente em minha formação como músico e também sempre fez parte da minha trajetória por ser nascido no berço do samba. No fim das contas todas as pesquisas históricas da música me traziam para minha zona de conforto, que é o lugar onde nasci. Após me munir do conhecimento necessário para transmitir o que havia aprendido lecionei música clássica para jovens seriados do Morro da Providência, também fui ritmista de todos os blocos carnavalescos da zona portuária (Coração das Meninas, Fiquei Firme da Favella, Escorrega, Mas Não Cai, Banda da Conceição,



Prata Preta, Liga dos Blocos da Zona Portuária, etc.) e da ARES Vizinha Faladeira. Fiz curso de monitor de turismo da região portuária para conhecer melhor meu território e poder apresentá-lo à outras pessoas. Atuei como Morador Monitor do comitê emergencial SOS Providência. Além de participar de muitos eventos da cultura popular da região, como rodas de samba, quadrilhas juninas, rodas de capoeira e etc”.

Quem?

Cristais Fotografias

“Eu e minha irmã fizemos curso de foto e vídeo pelo Porto Novo e, hoje, trabalhamos com isso nas horas vagas. Faço fotografias para eventos como aniversários, casamentos, ensaios externos.”

Como chegou até aqui?

“Fizemos um documentário sobre uma Senhora que foi um exemplo de solidariedade e por coincidência eu havia feito o álbum dela eu havia feito quando trabalhei numa loja de fotografia.”

Quem?

M. T. da Provi (Tiimy)

[instagram.com/tiimymci](https://www.instagram.com/tiimymci)

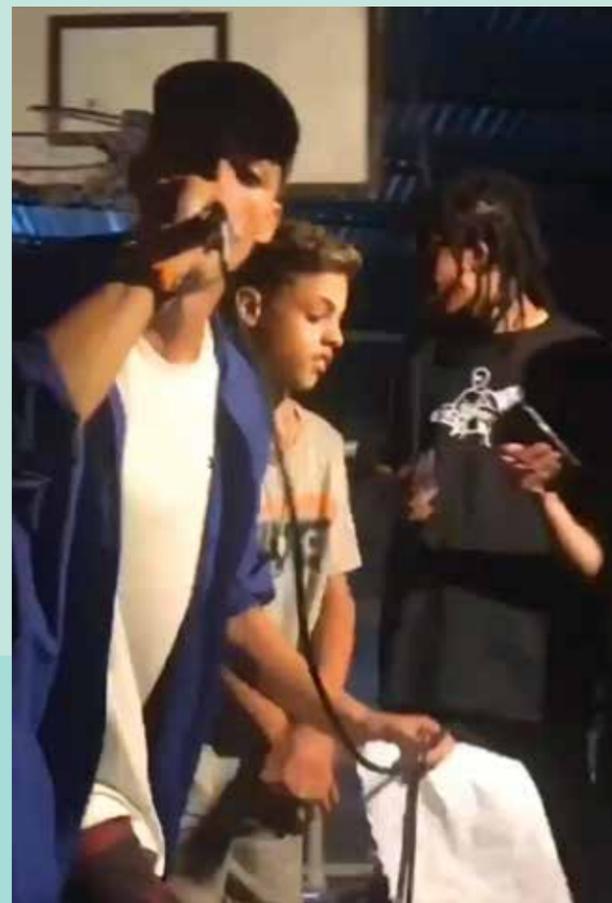


Onde cresci impacta muito no meu trabalho, de formas boas e de formas ruins. Considerando que tudo pelo o que eu passei não me faria o artista que sou hoje. Da onde a gente vem nos faz pensar bastante pra onde a gente vai, quando precisei quem me ajudou foram as pessoas da minha área. Gratidão da onde eu vim

sempre, e pelas pessoas que acreditaram no meu trabalho. Nunca negue suas raízes!

Como chegou até aqui?

Meu trabalho atual como artista é a música, me vejo abrindo portas através da música, poder “salvar vidas” com a sua arte seu trabalho é a coisa mais gratificante que existe, importante dizer que além da música a poesia tbm faz parte do meu trabalho, um poeta favelado pouco enxergado pelas condições sociais.



CARTOGRAFIA GASTRONÔMICA

Um passeio pelos restaurantes e bares da região



Fotos :: Albino Neto

Albino Neto

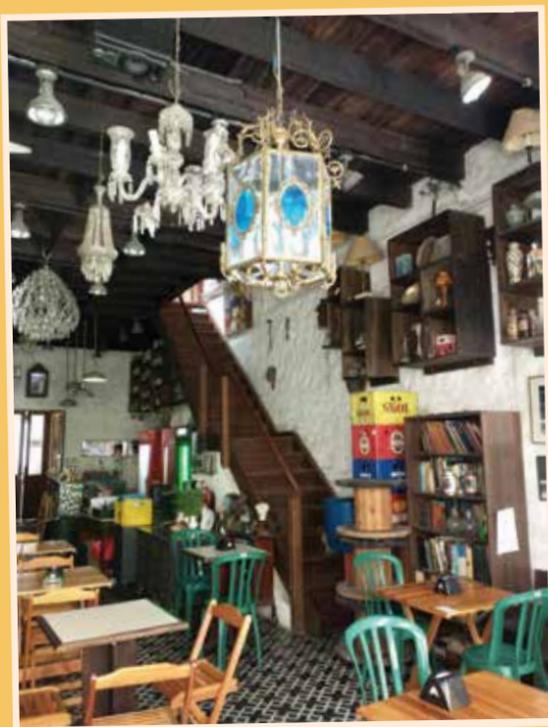
Albino Pereira Neto é nascido na Rua do Monte, subida da Providência, filho de Pai Português imigrante e mãe capixaba. É advogado criminalista, monitor do circuito Herança Africana e diretor do bloco Carnavalesco Banda da Conceição.

Morar na Pequena África é um prazer gastronômico inenarrável. Os morros vizinhos ao Museu de Arte do Rio, Conceição e Providência, possuem bares, botequins e restaurantes comandados por excepcionais chefs anônimos e é sobre eles que busco citar no seguinte texto:

Atrás do Edifício A Noite, primeiro arranha-céu do Brasil e da América Latina, existe uma ladeira com nome de João Homem e já no seu início, no nº 13, temos o Restaurante GG Gourmet*, comandado pela Chef Georgia, onde

seu carro chefe é o bobó de camarão. Caros leitores, na minha opinião, é o melhor bobó que eu já comi na minha vida, carece de adjetivo para tamanha delícia. Além de comida boa, Georgia tem raízes no samba. É passista das boas, colecionando inúmeros desfiles na Sapucaí. Neste sentido, é claro que aos sábados, caso você decida almoçar por lá, irá se deparar com uma roda de samba das boas.

Subindo a João Homem, no número 65, temos o Bar do Geraldinho, onde o carro chefe do dia a dia é um PF free self service que,



às sextas, oferece uma das melhores feijoadas do Rio de Janeiro. E óbvio que no morro não falta alegria e festa, pois os moradores fazem da rua seu salão de festas e comemoram aniversários com muito samba e música boa. João Homem era um feitor dos piores e mal visto por todos. Deve estar se revirando na cova com tanta alegria que rola na rua em sua “homenagem”.

Eu procuro, sempre, prestigiar os bares e restaurantes da vizinhança local. Certa vez, fui informado em uma audiência, através de um colega advogado, que na ladeira do Livramento, número 53, ao lado de onde nasceu Machado de Assis, existia o restaurante da Marcia e Ricardo. Leitores, que comida maravilhosa! A comida especialmente com pegada baiana: acarajé, moqueca de peixe, mocotó e cozido. Não deixa nada a desejar aos melhores restaurantes da cidade.

Comi, por último, um estrogonofe de frango e um frango na laranja que fiquei encantado. O seguinte restaurante fica ao lado da SAMOL, quadra da comunidade, sendo sempre uma excelente opção, onde acontecem inúmeros shows de variados cantores.

Aproveitei que já estava na subida da Provi e não pude deixar de ir no Bar da Jura. Espaço comandado por, ninguém menos que a dona, Juraci Vilela. Reconhecida

mundialmente, onde até Madonna, Vin Diesel e Luciano Huck já deram as caras por lá. Comida caseira da melhor qualidade e muito deliciosa, com uma das vistas mais exuberantes da Pequena África.

Georgia, Geraldinho, Márcia, Ricardo e Juraci são guerreiros, todos de origem humilde e que atingiram o sucesso pelo carinho e respeito que tratam os fregueses. Principalmente, pela culinária de excelência.

* Após a edição deste texto, G&G Gourmet transferiu seu endereço para Rua Sacadura Cabral, 55





Foto :: Yago Feitosa

Bafo da Prainha: comida e memória

Por Yago Feitosa

24 de novembro de 2021 caiu numa quarta-feira, dia em que o sol rachava a moleira dos cariocas. Mas a terra da Tia Lúcia se refrescou com a brisa da Baía de Guanabara, que rebatia nos casebres e espalhava o bom-humor na praça. Tudo isso para dizer que o dia estava perfeito para encontrar Raphael Vidal, proprietário do Bafo da Prainha, bar da região da Pequena África, mais exatamente, no Largo de São Francisco da Prainha.

Cheguei alguns minutos antes do combinado. Me apresentei ao Yan, funcionário do bar que me recebeu com enorme simpatia. Me ofereceu uma cadeira, mas preferi ficar à distância para fumar um cigarro enquanto esperava. Antes de sacar o maço, chegou na garupa de uma moto o cara, cuja expectativa de encontrar se prolongava por duas semanas e muitas mensagens no Whatsapp. Desceu da

moto, se aproximou sem pressa e com jeito de satisfação cumprimentou a mim e a todos os funcionários. Eu estava para encontrá-lo devido a história do Bafo da Prainha, mas depois de o ter conhecido, tive a sensação de que esse encontro poderia ter se dado por muitas outras razões.

Isso porque Raphael Vidal é um apaixonado pelo lugar onde escolheu



viver, na zona portuária, depois de ter amadurecido no subúrbio da cidade. Filósofo de formação e escritor, soube valorizar as heranças da Pequena África. Aliás, o Bafo da Prainha é a expressão da identificação ancestral que ele reverbera no jeito despojado de receber o público. Com espetinhos, macarroneses e alguns biricuticos, os cariocas têm a impressão de estar na companhia das Tias Baianas e dos velhos chorões; salve Donga, Pixinguinha e João da Baiana!

“A rua me criou, então essa linguagem de boteco. É natural e orgânico. É dali que me comunico de forma direta com

quem acho que tem que frequentar isso daqui”. (Raphael Vidal).

Recentemente, o Bafo da Prainha foi premiado pelo troféu de melhor botequim da cidade, o prêmio mais importante da categoria, mesmo com tão pouco tempo desde a inauguração, em março de 2021. Acontece que o bar foi uma maneira de preservar as atividades e os empregos que estavam concentrados na Casa Porto (restaurante que encerrou as atividades presenciais durante a pandemia por não ter condições arquitetônicas de atender às medidas de restrição). Nesse contexto, surge o Bafo da Prainha, com atendimento externo ao público. Vale lembrar que, Raphael Vidal ficou conhecido nas mídias pelo seu engajamento contra o negacionismo sanitário e defesa das medidas de restrição para o combate à covid-19.

Com a palavra, Raphael Vidal:

“Durante a pandemia, colocamos todos os funcionários do grupo de risco em quarentena e também todos os funcionários que pegavam transporte público (...) e fomos partir para o delivery. O nosso delivery aconteceu, bombou porque a gente usou muita criatividade. A

gente começou a levar experiência, não só comida, mas doar livros no delivery. Foi uma experiência muito bacana. E comecei a contratar mais gente para fazer o delivery e essas pessoas eram da região portuária. Quando reabre em setembro, a Casa Porto de 40 mesas passa a ter 12. A conta não fecha. Foi então que, conversando com um amigo meu, vizinho, ele me oferece o bar. Ele disse: cara, desce com a turma que está sobrando na Casa Porto e monta outro bar para bancar essa turma”.

O Bafo da Prainha absorveu a linguagem do lugar e seu prêmio reflete no orgulho que os moradores sentem de si quando sua região é reconhecida. Com a antiga elegância dos boêmios, num só prato, serve moela empanada e memória. A prova de que comida simples e saborosa é um disparador de memórias saudosas da nossa Pequena África, das quituteiras que aprenderam a cozinhar e a empreender como Tia Ciata e dos festejos regados da mais alta culinária popular.

Desta combinação de comida e memória, o Bafo da Prainha se apresenta como um local de respeito às raízes de uma cidade que começou na zona portuária e termina num belo prato Durex.

Viaduto Literário

Por Bruno Tavares



Fotos :: Acervo Viaduto Literário

Prezades,

Me chamo Bruno Tavares, tenho 23 anos, sou um jovem favelado, morador do morro do Pinto, articulador social, estudante e empreendedor; atualmente, orientador de público no Museu de Arte do Rio e voluntário do projeto social Viaduto Literário.

Durante a minha adolescência eu jogava bola na Praça Nabuco de Freitas, muito precária, faltava brinquedos para as crianças e, quando

existiam, estavam sucateados. Por esse motivo, eu sonhava com a revitalização, oferta de atividades esportivas e socioculturais no local. Depois que deixei de frequentá-la, vi uma postagem que informava sobre a revitalização de uma praça entre o morro da Providência e o morro do Pinto. Ao pesquisar sobre, descobri que se tratava justamente da Praça Nabuco de Freitas e vi um de meus sonhos realizado. Achei fantástica aquela ação na praça que, há anos, foi negligenciada

pelo poder público e fui buscar informações sobre os responsáveis, foi então que descobri o Viaduto Literário.

Fiquei encantado com as ações humanistas do projeto: contações de histórias afrobrasileiras, entendimento de necessidades do território, acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade social, visita literária aos menores de idade encarcerados, distribuição de cestas básicas e máscaras de proteção individual.

O que me moveu a participar deste projeto foi o profundo caráter humano que até hoje é potencializado em encontros, contatos, trocas e gestos; protagonizados, em geral, pelo matriarcado, pela negritude e pelos grupos LGBTTQIAP+.

O brilho no olhar de cada criança atendida revigora nossos sonhos em busca de uma sociedade justa.

Este projeto é possível com o trabalho coletivo de moradores e voluntários, mas também necessita de investimentos que

possam manter as atividades já consolidadas e ampliar o atendimento social ao público.

Acesse o nosso projeto no instagram: @viadutoliterario



Agradecimentos

Yago Feitosa

(Educador de projetos da Escola do Olhar)

O jornal que você acabou de ler emerge do esforço coletivo que deseja tocar em rostos, reconhecer nomes e sobrenomes que identificam a zona portuária, cujos trabalhos artísticos empoderam a região e redirecionam olhares para a cidade carioca. Somos gratos pelos aprendizados possíveis oriundos de encontros impossíveis: não fosse as andanças dos vizinhos que bateram nas portas das casas e pediram um copo de arte e alguns pedaços de histórias.

Nesses encontros, tomamos café muitas vezes, com muita gente, muitas memórias de um lugar que não vive apenas dos ecos do passado. Foi nessas ruas que encontramos uma juventude vibrante, que atualiza a linguagem sem perder de vista os legados incrustados nas fendas da Pedra do Sal ou nas ladeiras da Providência.

Para a Escola do Olhar, ficam as pistas para consolidar uma educação pela arte e cultura, sem a mediação fiscal dos sistemas de ensino/aprendizagem que negligenciam os cotidianos, mas evoca os encontros, os diálogos, os processos, as trocas e as experiências. Queremos, por isso, estar próximos da arte tecida dia-a-dia e da cultura ancestralmente forjada.

Este jornal, idealizado e construído pelos vizinhos, que se dirige aos vizinhos, retrata o processo de encontros no qual a Escola do Olhar se alegra em participar. Para nós há uma grande responsabilidade em reconhecer o local e seus artistas enquanto produtores de novos olhares. Seguimos trabalhando para valorizar a arte local e repercutir os seus afetos.



Foto :: Acervo Escola do Olhar

CRÉDITOS

Edição geral

Patrícia Dias
Ruanna Sander
Yago Feitosa
Andressa Oliveira

Comissão editorial

Guilherme Dias
Natália Nichols

Revisão

Bruna Christine

Designer gráfico

Augusto Batista

Impressão

WSM Gráfica

Colunistas

Paula Carriconde
Albino Neto
Veridiane Vidal
Arleni Batista
Tom Grito
Yago Feitosa
Moto Tai
Bruno Tavares

Oficineiras

Veridiane Vidal (Oficina de tranças)
Moto Tai (Oficina de escrita criativa)

Fotógrafo – capa e oficina de tranças
Diego Tavares

Agradecimentos

Raphael Vidal (*Bafo da Prainha*)
Bar do Geraldinho
Chef Georgia (*Restaurante GG Gourmet*)
Juraci Vilela (*Bar da Jura*)
Augusto Araújo
Jinaki Ketema
Juliane Gamboa
Robson Felix
Rodrigo e Thiago
Liliane dos Anjos
Ana Lima
Ramonzin
Maristela Pessoa
Tom Grito
Douglas Dobby
Luziete Fernandes
Paula Carriconde
Gilson Gomes
Cristais Fotografias
M.T da provi
Teresa Speridião
Gil Vilela
Tramas do Porto
CJNK
Damiana Ferreira
Levi Marcos
Angélica de Paula
Slam das Minas RJ
Ronaldo da Conceição
Davi Braskinovten

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS (OEI)
ORGANIZACIÓN DE ESTADOS IBEROAMERICANOS (OEI)
ORGANIZATION OF IBERO-AMERICAN STATES (OEI)

Museu de Arte do Rio
Museo de Arte de Río
Rio Art Museum

Mariano Jabonero

Secretário-Geral da OEI
Secretario General de OEI
General Secretary of OEI

Raphael Callou

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil
Director y Jefe de la Representación de la OEI en Brasil
Director and Head of the OEI Representation in Brazil

Sandra Sérgio

Diretora Executiva do MAR
Directora Ejecutiva del MAR
Executive Director
Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil
Coordinadora Nacional de Proyectos Especiales de la OEI en Brasil
National Special Projects Coordinator in Brazil

Amira Lizarazo

Coordenadora Nacional de Administração e Finanças
Coordinadora Nacional de Administración y Finanzas
National Administration and Finance Coordinator

Rodrigo Rossi

Coordenador Nacional de Cooperação e Desenvolvimento
Coordinador Nacional de Cooperación y Desarrollo
National Cooperation and Development Coordinator

Luiz José da Silva

Gerente Nacional de Administração
Gerente Nacional de Administración
National Administration Manager

Telma Teixeira

Gerente Nacional de Implementação
Gerente Nacional de Implementación
National Implementation Manager

Lícia Moura

Gerente Nacional de Desenvolvimento
Gerente Nacional de Desarrollo
National Development Manager

Fábio Ferreira Mendes

Gerente Nacional de Tecnologia
Gerente Nacional de Tecnología
National Development Analyst

Christiane Ramires

Assessoria Nacional de Comunicação
Asesoría Nacional de Comunicación
National Communication Advisory

Alexandro Lima

Coordenador-Geral de Administração
Coordinador General de Administración
General Administration Manager

Marcelo Campos

Curador Chefe
Curador Jefe
Chief Curator

Amanda Bonan

Gerente de Curadoria
Gerente de Curaduría
Curatorship Manager

Andrea Zabrieszach dos Santos

Gerente de Museologia
Gerente de Museología
Museology Manager

Gisele de Paula

Gerente de Operações e Patrimônio
Gerente de Operaciones y Activos
Operations and Assets Manager

Jaqueline Roversi

Gerente de Eventos
Gerente de Eventos
Events Manager

Marcelo Henrique Andrade

Gerente de Comunicação
Gerente de Comunicación
Communication Manager

Matheus Silva

Gerente de Planejamento e Projetos
Gerente de Planificación y Proyectos
Planning and Project Manager

Patrícia Dias

gerente de Educação e Escola do Olhar
Gerente de Educación y Escola do Olhar
Education and Escola do Olhar Manager

Renata Monteiro

Gerente de Relações Institucionais
Gerente de Relaciones Institucionales
Institutional Relations Manager

Stella Paiva

Gerente de Produção
Gerente de producción
Production Manager

Aline Houston

Analista de Projetos
Analista de Proyectos
Project Analyst

Alverindo Borges

oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

Amanda Minguta

Assistente Administrativa
Asistente Administrativa
Administrative Assistant

Andressa Oliveira

Assistente Administrativa da Escola do Olhar
Asistente Administrativa en Escola do Olhar
Assistant at Escola do Olhar

Bruna Nicolau

Museóloga
Museóloga
Museologist

Caroline Silva

Assistente de Infraestruturas e Sistemas
Asistente de Infraestructuras y Sistemas
Infrastructure and Systems Assistant

Cayo Lima

Assistente administrativo
Asistente administrativo
Administrative assistant

Fernando Porto

Educador Pleno
Educador Pleno
Full Educator

Guilherme Marins

Educador
Educador
Educator

Josecleiton dos Santos

Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

Juliana Duarte

Assessora de Imprensa
Jefa de Prensa
Press Officer

Renata de Almeida

Assessora de Comunicação
Asesor de Comunicación
Communication Advisor

Karen Merlim

Bibliotecária
Bibliotecaria
Librarian

Keith Soares

Analista Administrativa
Analista Administrativa
Administrative Analyst

Letícia Julião

Educadora
Educadora
Educator

Marcos Inácio Meirelles

supervisor de Montagem
Supervisor de Instalación de Obras de Arte
Artwork Installation Supervisor

Maria Rita Valentim

Analista de Educação
Analista de Educación
Education Analyst

Priscila Zurita

Assistente de Museologia
Asistente de Museología
Museology Assistant

Priscilla Souza

Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Renato Dias

Montador
Técnico de Instalação de Obras de Arte
Artwork Installation Technician

Rosinaldo José de Oliveira

Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

Tatiana Paz

Educadora
Educadora
Educator

Yago Feitosa

Educador de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE ARTE DO RIO – CONMAR
CONSEJO MUNICIPAL DEL MUSEO DE ARTE DE RÍO
MUNICIPAL COUNCIL OF THE RIO ART MUSEUM

Luiz Chrysostomo

Presidente
Presidente
President

Conselheiros

Consejeros

Counselors

José Roberto Marinho
Geny Nissenbaum

Marcus Faustini

Luiz Paulo Montenegro

Marcelo Calero

Paulo Niemeyer Filho

Pedro Buarque de Holanda

Ronaldo Munck

INSTITUTO ODEON

Correalização

Co-realización

Co-realization

Diretor Artístico

Director Artístico

Artistic Director

Carlos Gradim

Diretora de Operações e Finanças

Directora de Operaciones y Finanzas

Chief financial officer

Roberta Kfuri

Equipe Técnica

Equipo Técnico

Technical Team

Douglas Bastos,

Leandro Moraes,

Raphaela Machado,

Thaynara Rosa,

Alice Corrêa,

Waleska Oliveira,

Renato Alexandre

CONSELHO DO INSTITUTO ODEON

CONSEJO DEL INSTITUTO ODEON

BOARD OF THE ODEON INSTITUTE

Presidente

Presidente

President

Bruno Pereira

Emilia Paiva

Adriana Karla Rodrigues

Tatyana Rubim

Renata Salles

Ingrid Mello

Mônica Bernardi



MANTENEDOR

PATROCÍNIO MASTER

PATROCÍNIO



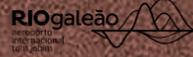
PATROCÍNIO ESCOLA DO OLHAR

APOIO ESCOLA DO OLHAR

PATROCINADOR DE RECURSOS DE ACESSIBILIDADE



GRUPO **GPS**



ICATU



GESTÃO

CORREALIZAÇÃO

APOIO

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

